

1

ABRIL DE 2023

— **C**hega! Acabou-se a conversa, Lucas, o assunto está encerrado! Gabriela elevou a voz e bateu com as mãos no tampo da mesa da cozinha. O filho conseguira esgotar-lhe a pouca paciência que ainda lhe restava no final daquele dia. Saíra do trabalho na Junta de Freguesia do Piódão com a cabeça a latejar e a ansiar por um banho quente e sossego, mas, assim que entrara em casa, Lucas resgatara o tema recorrente das últimas semanas.

— Mas o avô já disse que me oferece a mota no aniversário! Tu só tinhas de me pagar a carta de condução.

— Eu já te expliquei que não tem que ver com dinheiro. Andar de mota é perigoso, sobretudo nas estradas aqui da zona, e eu não quero que tenhas um acidente. Sabes a quantidade de miúdos que...

— Eu vou fazer dezasseis anos, mãe! Não achas que eu sei que tenho de ter cuidado?! — Lucas expirou e suavizou o tom de voz. — Se eu tiver mota, tu e o avô não precisam de continuar a levar-me e a ir buscar-me à escola todos os dias. Até posso começar a ir para os treinos sozinho. Já viste como isso vos vai ajudar?

Era o único ponto em que Gabriela concordava com o filho. A escola e o campo onde ele jogava futebol ficavam em Arganil, a uma hora de distância da aldeia, o que implicava uma logística diária desgastante. Mesmo repartindo a tarefa com Raimundo, era demasiado avultado o que ela gastava em tempo e combustível naquelas deslocações. Se Lucas tivesse mota, a vida de Gabriela

ficaria com certeza mais facilitada. Mas os argumentos contra tinham um peso ainda maior.

— E como é que vais pagar a gasolina? Não estás à espera que seja eu a chegar-me à frente, pois não?

— E qual é o mal?! Tu és minha mãe, porque é que não me pagas a gasolina? Todos os meus amigos recebem dinheiro dos pais.

Gabriela exalou, enervada, e virou as costas à mesa. Pousou as mãos na bancada do lava-louça e respirou fundo antes de prosseguir. Ser mãe solteira de um filho adolescente tinha tanto de exasperante como de inglório. Era a única figura de autoridade na vida do filho, recaindo apenas sobre si a responsabilidade de tomar decisões e de impor limites.

— Não me interessa o que os pais dos teus amigos fazem — disse, voltando-se para o encarar. — Se queres ter dinheiro, vai trabalhar. Até porque uma mota não precisa apenas de gasolina, tens de pagar também o seguro, as revisões...

Lucas abriu a boca para responder, mas os pensamentos interromperam-lhe a fala. Não contava com aqueles encargos adicionais que uma mota implicava, mas a solução surgiu-lhe com facilidade:

— Tudo bem, o avô paga-me essas cenas.

— Não paga coisa nenhuma!

— Porra, mas qual é o problema? — berrou Lucas, levantando-se e empurrando a cadeira. — O dinheiro é do avô, não é teu!

— Acabou! Não quero ouvir nem mais uma palavra sobre este assunto! — Gabriela tinha as faces coradas e os maxilares cerrados. — Sou tua mãe e quem decide sou eu! Para além do perigo que é andar de mota neste sítio, és um miúdo irresponsável e imaturo. Não vais ter mota, ponto final!

Lucas soltou uma gargalhada seca enquanto abanava a cabeça. O mais provável era não conseguir levar a melhor em relação àquele assunto, mas pelo menos sabia quais as palavras que tinha de dizer para conseguir magoar a mãe.

— Irresponsável, eu? Essa é boa. Que eu saiba, quem engravidou de um gajo qualquer aos dezasseis anos foste tu.



Elsa e Raimundo não se aperceberam de que eram quase oito da noite.

Abril ia a meio e a primavera já se fizera anunciar, mas eram muito poucos os sinais exteriores da sua chegada. Os dias na aldeia continuavam gelados e ventosos, pelo que a lareira continuava a ser acesa todas as manhãs.

Era precisamente no pequeno sofá defronte do fogo que Elsa e Raimundo se aninhavam naquele momento. De mãos dadas e os corpos colados, observavam as labaredas e sussurravam sobre o que tinham feito naquele dia. O tom confidente surgia-lhes por impulso e não por imposição — estavam sozinhos em casa. Cada palavra murmurada ressoava de forma calorosa e envolvente, formando uma melodia doce da qual nenhum se cansava.

— Hoje comi as torradas com a compota de laranja que me oferecete — disse ele, fazendo uma pausa para acicatar a curiosidade. Sabia que Elsa estava desejosa de saber a sua opinião, pelo que decidiu prolongar o silêncio.

— E que tal? — perguntou ela, franzindo o sobrolho.

Raimundo desencostou-se e desviou o olhar. Agitou a mão livre no ar, como se procurasse as palavras certas. Quando percebeu que Elsa ficara desanimada com a hipótese de receber uma crítica negativa, desmanchou a farsa e respondeu:

— Estavam uma delícia!

O suspiro de alívio que Elsa soltou foi seguido de um estalido de língua reprovador.

— Pensei que ias dizer que não tinhas gostado.

— Nada disso, a compota é maravilhosa — elogiou ele. — Nem demasiado doce nem demasiado amarga.

— É a parte mais complicada nesse doce, acertar na dose de açúcar para que o sabor fique equilibrado. Sendo assim, amanhã vou fazer mais. O Abel pediu-me para lhe vender algumas lá para o restaurante.

Elsa redescobriria o prazer da culinária assim que se reformara. As horas passadas em casa sem uma ocupação criaram-lhe ansiedade

e sentimentos de culpa, consequência de uma educação rígida e antiquada que considerava o ócio como uma semente de pecados. Fora preciso ouvir vários raspanetes da filha para aceitar que merecia aquele descanso e aquela ausência de obrigações. Atingira uma idade em que lhe era permitido não ter afazeres, podia finalmente dispor do tempo com liberdade e dar-se ao privilégio de não fazer nada.

Num desses dias isentos de compromissos, dera por si a folhear o caderno de receitas da sua mãe e a mergulhar num conjunto de memórias bastante saborosas. As páginas amarelecidas e a caligrafia irregular tornavam quase ilegíveis as descrições e listas de ingredientes, mas lá conseguira pôr em prática alguns cozinhados. O que começara por ser um passatempo, acabara por se revelar um pequeno – mas útil – complemento da magra reforma que auferia. Um dos restaurantes do Piódão começara a encomendar-lhe sobremesas e compotas, e as críticas dos clientes eram excelentes.

– Que boa notícia. Espero que contes sempre comigo para ser o primeiro provador.

Elsa acenou com a cabeça e respondeu que sim. Aproximou-se do rosto dele e deu-lhe um beijo demorado. Raimundo fez-lhe uma festa no cabelo e os lábios de ambos curvaram-se num sorriso, o sorriso cúmplice de quem partilha o mesmo laço de amor. Abraçaram-se durante um longo momento, o fogo crepitante a testemunhar uma ternura que se revelara tarde na vida de ambos.

Entre muitos pontos em comum, tinham ambos setenta anos. Se alguém lhes dissesse que a verdadeira felicidade apenas chegaria naquela idade, nenhum dos dois acreditaria. Ela, por falta de esperança. Ele, por desconhecer que os afetos eram a ponte mais direta para uma existência feliz.

Da casa ao lado, chegou-lhes o som de vozes altas.

Raimundo desfez o abraço e inclinou o corpo na direção da parede de pedra. A proximidade dos edifícios permitiu-lhe identificar com facilidade as vozes de Gabriela e Lucas.

– Outra vez a discutirem... – queixou-se ele.

Ultimamente, parecia que a filha e o neto eram incapazes de trocar palavras sem ser aos berros, obrigando-o a intervir como

mediador todos os dias. Lucas tinha quinze anos, mas era alto, e o desporto estava a fortalecê-lo, despertando no avô um receio que o fazia ir até casa da filha sempre que as vozes subiam de tom.

— O que será desta vez? — perguntou Elsa, preocupada.

— Deve ser o costume, a mota. — Raimundo apoiou-se no braço do sofá e levantou-se. — É melhor ir lá pôr água na fervura.



— Mas o que é que se passa aqui?

Lucas aproximou-se do avô e pôs-lhe o braço à volta das costas, uma pose infantil de quem se preparava para fazer queixinhas. Fisicamente, o rapaz parecia um pouco mais velho, mas algumas das suas atitudes ainda espelhavam com nitidez a imaturidade.

— A mãe continua a dizer que não me deixa ter mota!

Raimundo esboçou uma expressão apaziguadora na direção da filha, que ficou ainda mais enervada. De faces vermelhas e punhos cerrados, foi incapaz de responder logo.

— Vá lá, Gabriela. O miúdo merece.

— A mãe dele sou *eu*! E não admito que continues a intrometer-te nas minhas decisões.

— O avô disse que tu ias deixar — atirou Lucas, agarrando-se com mais força a Raimundo. A sua presença fazia-o sentir-se cada vez mais seguro —, e que já tenho idade para começar a ser independente.

— A independência conquista-se com responsabilidade, coisa que tu nem sabes o que é. Não confio em ti para andares sozinho numa mota por estas estradas — repetiu Gabriela, com firmeza.

— Tens de dar uma oportunidade ao miúdo — tentou apaziguar Raimundo. — Não podes ser tão pessimista, estás sempre a pensar que o pior vai acontecer.

— Eu estou a ser *realista*! O Lucas está-se nas tintas para a escola, não estuda, todas as semanas recebe ocorrências de comportamento e faltas disciplinares, só quer saber do futebol. Diz-me, onde é que tu vês maturidade nestas atitudes?! Achas que com esta

postura ele merece que lhe ofereçam uma mota?! E com que dinheiro é que vai sustentá-la?

– Acalma-te, não fales assim co...

– Não me acalmo coisa nenhuma! – berrou Gabriela. – Eu sou a mãe dele e eu é que tomo decisões! Não vou admitir nem mais uma palavra sobre este assunto – ameaçou, apontando o dedo indicador na direção de Raimundo.

Este não ousou responder, o que irritou Lucas. Como é que o avô se deixava vencer assim tão facilmente? Como é que um ex-militar da GNR se acobardava perante a própria filha? Lucas não entendia. Achava que a presença do avô seria milagrosa, que faria a mãe mudar de ideias. Perante esse falhanço, decidiu usar a única arma de que dispunha. Pôs as mãos na cintura, encheu o peito de ar e disse, de olhos fixos na mãe:

– Se ao menos tivesse um pai... Mas nem isso tu me dás. Vá lá que tenho o avô.

Lágrimas de raiva assomaram aos olhos de Gabriela, de tal forma que nem conseguiu emitir um som. As palavras estavam-lhe travadas na garganta pela fúria e a dor aguda no peito fê-la sair da cozinha e correr até ao quarto, batendo com a porta.

Sentou-se na cama e juntou os joelhos no peito, abraçando-os com força. As lágrimas caíam em catadupa, vertendo-se de uma fonte inesgotável de dor e tristeza. Que mágoa tão extensa aquela que a cobria desde os dezasseis anos... Um sentimento que a rasgava por dentro e lhe aniquilava a capacidade de encontrar alegria na vida. O esforço que fazia para encontrar prazer no dia a dia, em pequenas coisas, era sobre-humano. Nunca mais fora capaz de se sentir feliz. Todas as sensações alegres eram fugazes e tinham o fim à vista.

Gabriela perdeu a conta ao tempo que passou, podia ter sido meia hora, duas horas, não sabia. A única certeza que tinha era de que o choro aliviara um pouco a dor, como se se tratasse de um anestésico. Quando desceu as escadas e retornou à cozinha, encontrou Raimundo e Lucas sentados à mesa, este último a acabar de jantar. Ergueram o olhar para ela, que se encostou à ombreira da porta com os braços cruzados.

- Não vais comer nada? – perguntou Raimundo.
- Amanhã saímos às sete e meia – informou, olhando para Lucas. – Tenho uma reunião às nove em Arganil.
- Amanhã só tenho aulas à tarde – disse o filho.
- De manhã tens explicação com a Sofia – interveio Raimundo. Lucas soltou um esgar de desprezo:
- Vês? Até o avô sabe. Estamos quase no final do ano letivo e ainda não decoraste que à terça-feira só tenho aulas da parte da tarde. Bela mãe...
- Gabriela descruzou os braços e avançou pela cozinha:
- Acabaram-se as explicações!
- Raimundo expirou fundo e abanou a cabeça. De cotovelos apoiados na mesa, disse:
- Filha, tu não andas bem. Tens mesmo de te acalmar. Que ideia é essa de acabares com as explicações do miúdo?
- Cala-te! – O berro dela fê-los saltar de susto. Lançou um olhar gélido para Raimundo e ordenou: – Sai daqui! Estou farta, farta! Acabou-se a paciência. Vais-te embora imediatamente e não voltas aqui! Só sabes estragar a educação que dou ao meu filho. Dizes-lhe que sim a tudo, por isso é que ele está assim! – Gabriela fez uma pausa para recuperar o fôlego. Apontou para a porta e repetiu: – Desaparece. E tu, Lucas, vais-te deitar imediatamente. Amanhã à tarde, quando voltar para casa, vamos ter uma conversa muito séria.

2

Elsa deixou a casa de Raimundo e seguiu com pressa pela rua, aconchegando o cachecol para se proteger do ar frio. Àquela hora não se via viva alma nas ruas da aldeia, a maior parte dos habitantes estaria a preparar o jantar ou já a comê-lo. O percurso demorou cerca de um minuto e, antes de entrar em casa, passou a mão pelo cabelo, alisando-o.

A casa estava escura e silenciosa. Despiu o casaco e tirou o cachecol com satisfação no rosto, calculando que Vicente ainda estaria no restaurante em convívio de fim de dia. O Solar do Abel era o poiso regular do marido, que só costumava retornar a casa para jantar pelas oito e meia. Elsa pendurou o casaco no bengaleiro junto à porta e, de repente, ouviu um clique atrás de si e as luzes da sala acenderam-se.

– Boa noite – disse Vicente, com a mão no interruptor.

O coração de Elsa disparou e sentiu as faces aquecerem.

– Assustaste-me.

– Onde é que andaste até esta hora?

– Achei que não estavas em casa, como vi tudo apagado. Vou fazer o jantar.

Atravessou a pequena sala na direção da cozinha, mas o marido barrou-lhe a passagem.

– Fiz-te uma pergunta. Não me obrigues a repeti-la.

Elsa recuou um passo e sentiu o corpo tremer. Estavam juntos há mais de quarenta anos e em momento algum ela sentira medo

do homem com quem escolhera casar. Os conflitos que surgiam pautavam-se apenas por elevações de voz de ambos os lados, nada mais que isso. Contudo, nos últimos meses crescera nela uma insegurança que a retraía nas conversas com Vicente. Apertou as mãos trémulas e deu mais um passo atrás, incapaz de manter os olhos no marido. A cabeça baixou e o olhar fixou-se no chão de pedra, a voz interior a recomendar-lhe que respondesse com rapidez. Era a única forma de camuflar a culpa.

— Estive em casa da Inácia. Fui lá entregar-lhe uma compota — disse Elsa, com a voz por um fio. O medo fê-la impulsionar ligeiramente o corpo para a frente, mas o marido continuava junto à porta da cozinha, de mãos na cintura.

— Curioso. Acabei de a ver no Solar do Abel.

— Ah, pois... — gaguejou Elsa, as mãos cada vez mais agitadas. — Ela disse-me que ia para lá. Bom, se me dás licença, tenho de ir preparar o jantar — disse, apontando para a cozinha.

Vicente não se moveu um centímetro e manteve os olhos cravados na mulher. Elsa sentia o coração em batidas insistentes contra o peito e não teve outra opção a não ser permanecer no sítio. Quando a ideia de se dirigir ao quarto lhe veio à cabeça, afastou-a de pronto. Sair dali naquele momento seria a confirmação de que estava a mentir. E o marido não estava disposto a deixá-la sair da divisão.

Elsa gelou ao sentir a frieza com que Vicente a olhava. Desaparecera qualquer resquício de respeito que ele ainda pudesse ter por ela. O marido avançou. A fúria silenciosa que emanava do corpo dele fê-la erguer os braços e franzir o rosto, preparando-se para o pior. Tinha a certeza de que Vicente *sabia*, e que iria ajustar contas com ela ali mesmo, naquele instante. O corpo de Elsa contraiu-se e ela susteve a respiração, antecipando a primeira pancada. Culpou-se pelos encontros furtivos com Raimundo. Cedera a uma tentação e agora iria ser castigada por isso. Não poderia responsabilizar ninguém a não ser ela própria.

Os segundos passaram e Elsa ainda não tinha sentido nada. Atreveu-se a entreabrir os olhos e vislumbrou Vicente dar um passo para o lado, depois de ter feito um indecifrável compasso de espera.

Elsa baixou os braços e o corpo aliviou um pouco a tensão. Ainda de cabeça baixa, aproveitou o desvio dele e seguiu para a cozinha, pegando de imediato numa panela e enchendo-a com água. Pô-la ao lume e foi abrindo os armários, colocando os pratos e talheres sobre a mesa. Fazia tudo por virar as costas à porta, consciente de que o marido a observava de lá. Assim que se preparava para pôr o esparquete na água a ferver, a voz dele fê-la tremer de novo:

— Pensas que sou estúpido?

Elsa deixou cair o pacote, espalhando os fios de massa pelo chão da cozinha. Agachou-se para os recolher, aproveitando o gesto para não ter de responder.

Vicente entrou na divisão e pôs-se à frente dela, pisando o esparquete cru ainda estava por apanhar. Elsa levantou o olhar e a desvantagem da sua posição aumentou o medo. O marido parecia muito maior e a rigidez do seu rosto fê-la encolher-se. Assim que ele inspirou fundo, Elsa largou o pacote e ergueu as mãos junto à cara, antecipando a dor que ia sentir.

— Não me magoes... — gemeu.

O marido manteve-se na mesma posição durante algum tempo. Sabia o que ia dizer e sabia qual o efeito de prolongar o silêncio. Inclinou ligeiramente o tronco e aproximou-se de Elsa. O hálito azedo dele impregnou-lhe as narinas, mas, naquele momento, isso era o menor dos seus desconfortos. Nesse instante, ouviu-o rosnar entredentes:

— Ou acabas com isto, ou dou cabo de ti...

3

— **A**bel, põe aqui mais um pedaço — pediu Raimundo, erguendo o copo.

O dono do restaurante foi até à sua mesa com a garrafa de licor de castanha.

— Olha que estou a apontar a despesa — avisou Abel, vertendo o líquido. — Já é o terceiro.

— Mas alguma vez te fiquei a dever alguma coisa? Larga-me da mão, que tive uma noite difícil.

O Solar do Abel ficava no largo da aldeia e, além de servir refeições, tinha uma loja adjacente onde se vendiam todo o tipo de produtos regionais: artesanato, enchidos, compotas, licores e até camisolas e casacos de lã. Pairava no ar um agradável cheiro a presunto e queijo, que de imediato abria o apetite a quem lá entrava.

As paredes brancas eram encimadas por um teto em madeira, na qual troncos compridos e envernizados serviam de traves. Àquela hora, os jantares já tinham sido servidos e as pessoas distribuíam-se pelas mesas a beber café ou digestivos. As conversas desenrolavam-se animadas e confidentes, o clima familiar dos sítios onde todos se conhecem.

Raimundo cumprimentara um grupo de homens ao chegar, mas depois optara por ficar sozinho numa mesa. Queria recapitular as últimas conversas com a filha. Gabriela estava descontrolada, explodia à mínima coisa. E a resistência que fazia à possibilidade

de Lucas ter mota... Um exagero, na sua opinião. A negatividade da filha deixava-o desconcertado, não entendia porque é que ela achava sempre que o pior ia acontecer. Era verdade que o desempenho escolar do miúdo deixava bastante a desejar, mas talvez a oferta da mota constituísse um incentivo para ele se aplicar mais.

Deu mais um gole no licor e, no momento em que pousou o copo, viu a filha de Abel entrar. Sofia tinha dezanove anos e uma figura atraente. Rosto luminoso, cabelo louro e liso, movia-se com o à-vontade e a confiança de quem tem consciência dos seus atributos. Sendo uma das poucas jovens que habitavam a aldeia, eram constantes os olhares que se viravam à sua passagem. Abel, atento à filha e às atenções que despertava, certificava-se de que ninguém pisava o risco com piropos ou comentários.

Sofia trabalhava no restaurante e na loja, e desde há uns meses também ocupava o tempo a dar explicações de matemática ao neto de Raimundo. A jovem dirigiu-se ao balcão e inclinou-se para dizer algo ao pai. Abel assentiu com a cabeça e, quando Sofia se virou e viu Raimundo na mesa do canto, o sorriso com que entrara desapareceu. O homem fez-lhe sinal com a mão e disse:

– Chega aqui, rapariga.

Sofia aproximou-se devagar e sentiu os joelhos a tremer a cada passo.

– Boa noite, senhor Raimundo – cumprimentou, em voz baixa.

– Quero ter uma conversa contigo, senta-te aí.

A rapariga olhou para trás na direção de Abel, que estava ocupado a repor latas de refrigerantes na montra por baixo do balcão.

– Eu... prefiro ficar de pé.

– Tens medo que o teu pai te dê uma reprimenda? Deixa isso, só te quero falar por um minuto ou dois.

Sofia hesitou, de boca entreaberta, e voltou a fixar-se em Abel.

– É que tenho de o ajudar a arrumar o restaurante...

– Mas ainda falta uma hora para fecharem. Pronto, fica aí de pé – acedeu Raimundo, bebendo de um trago o resto do licor de castanha. – O que eu vou dizer também não demora nada. A minha

filha informou-me há bocado de que vai acabar com as explicações que estás a dar ao meu neto.

Sofia esfregou as mãos uma na outra e apenas conseguiu articular um monossílabo:

– Pois...

– Tem calma, rapariga. Não concordo nem um pouco com o que a Gabriela está a fazer. Acho que ela perdeu o juízo, e amanhã vamos ter uma conversa como deve ser. Não te preocupes que não vais perder o trabalho, eu sei que este dinheirinho extra te faz falta.

– Deixe estar, senhor Raimundo, não é preciso.

– Não é preciso? É preciso, sim. O meu neto não entende patavina de números nem de contas, as explicações são muito importantes para ele ter melhores notas. Não sei por que raio foi ele escolher a área de Economia, mas isso é outro assunto.

– Não vale a pena... Eu agradeço-lhe, mas não precisa de se incomodar.

– Não é incómodo nenhum, rapariga. A Gabriela precisa de ser chamada à atenção. Onde é que já se viu castigar o miúdo desta forma? Tirar-lhe as explicações de Matemática?! Ela está muito... Nem sei que palavra utilizar. Louca? É isso mesmo, a minha filha enlouqueceu.

– Prefiro que este assunto fique por aqui, senhor Raimundo. Eu fico bem. Tenho trabalho aqui com o meu pai, por isso...

– Tens receio de que a Gabriela ache que me vieste pedir para falar com ela? Fica descansada, eu explico-lhe bem direitinho que não tiveste nada que ver com isto.

Sofia preparava-se para insistir no esquecimento daquele assunto, mas foi interrompida pela abertura repentina da porta do restaurante. A força com que o fizeram cessou as restantes conversas e o Solar do Abel mergulhou no silêncio, as atenções voltadas para a entrada. Vicente estava em pé, de mãos na cintura, e percorreu a sala com o olhar, fixando-se com firmeza no canto onde estava Raimundo.



Lucas subira para o quarto sem abrir a boca. A mãe ainda murmurara *boa noite*, mas nem sequer lhe respondera. Gritara com ele e com o avô, e recusara-se a ceder no assunto da mota. Portanto, daí em diante, Lucas não lhe dirigiria a palavra. Até Gabriela mudar de ideias, a única coisa que receberia da sua parte era silêncio.

O quarto era pequeno e a cama e a secretária mal cabiam. Por toda a divisão se viam objetos relacionados com futebol: uma caderneta de cromos alusivos a um campeonato, cachecóis, uma camisola da Seleção, um par de chuteiras e alguns *posters*. Quer fosse durante as aulas quer fosse fora delas, os pensamentos de Lucas eram povoados por jogadas, fintas, remates e golos.

Contudo, naquela noite o seu imaginário divergira para outra zona. A raiva que sentia pela mãe ocupava-lhe cada poro do corpo, só lhe apetecia pontapear objetos. Sentado na cama, apertava as mãos e batia com elas nos joelhos, à procura de uma ideia que lhe devolvesse o ânimo.

Tinha o telemóvel ao lado, sobre o edredão, e pegou nele. Deslizou até ao WhatsApp e abriu a conversa. Enviou uma mensagem rápida, ansiando que a resposta surgisse com a mesma rapidez. Mas teve de esperar alguns minutos. Antes de responder, Lucas olhou para as horas no canto superior esquerdo do ecrã. Eram dez e meia.

Remoou na hipótese apenas por uns segundos e respondeu, enfim, os dedos a alternarem com destreza entre as teclas no ecrã. Dessa vez, a resposta surgiu mais rápida:

Tens a certeza?

Lucas inspirou fundo e rodeou o quarto com o olhar, cada parede a trazer-lhe de volta uma onda de memórias. Aquele cantinho testemunhara-lhe o crescimento, vira-o chegar à adolescência e servira-lhe de refúgio nos momentos mais duros, quando ansiava por respostas que a mãe não lhe dava. Voltou a focar-se no telemóvel e escreveu:

Sim, tenho a certeza.

Quando enviou a mensagem a confirmar a sua convicção, sentiu de imediato um formigueiro percorrer-lhe o corpo. O coração

batia-lhe com tanta força contra o peito que parecia querer saltar dali para fora.



Abel largou a lata de *Ice Tea* e enrugou a testa, fechando o vidro da montra refrigerada.

— Mais cuidado, Vicente, isto não é o portão do estábulo.

O homem continuava de olhos postos em Raimundo e ignorou o comentário do dono do restaurante. Assim que Vicente se sentou a uma mesa junto à porta, as conversas retomaram e o Solar encheu-se do habitual burburinho. O ecrã plasma no alto da parede transmitia mais um episódio de novela, mas nenhum dos clientes parecia interessado.

Sofia estava agora atrás do balcão, ao lado de Abel, que a instruía sobre os produtos que iriam receber do fornecedor na manhã seguinte.

Raimundo ponderou beber mais um licor, mas a pontada que começara a sentir na parte de trás da cabeça fê-lo mudar de ideias. Não era uma dor aguda, mas sim um latejar insistente que pedia sono e descanso.

Arrastando um pouco os pés, foi até ao balcão e retirou a carteira do bolso do casaco. A mesa à qual Vicente se sentara estava bastante perto.

— Tira aí a despesa — pediu Raimundo. Abel disse o montante e ele estendeu-lhe uma nota. — Aqui está. Fica com o troco.

— Obrigado. Vai com jeitinho, bom descanso.

— Mal chegue, vou encostar-me, que amanhã de manhã tenho consulta na Covilhã. Vou ver se a máquina continua a funcionar bem — disse, apontando para o peito.

Vicente rodou na cadeira, ficando de frente para a zona do balcão. Dada a proximidade, não precisara de se esforçar para ouvir a conversa.

— Tem cuidado.

Raimundo olhou para ele e franziu a testa. Partilhavam o mesmo grupo de amigos, mas era mais uma relação de circunstância do que

uma amizade. Num espaço tão pequeno como o Piódão, ninguém era estranho ou desconhecido, havia um mínimo de conhecimento sobre as vidas de todos os habitantes. Pelo que Raimundo sabia, apesar de Vicente não primar pela simpatia, sempre fora uma figura pacata. O tom sugeria algo bastante longe de uma preocupação bem-intencionada.

— Cuidado com o quê? — questionou Raimundo.

Vicente empurrou a cadeira devagar e levantou-se, aproximando-se do balcão com passos vagarosos. Os dois homens encararam-se, separados por uma curta distância, e a voz de Vicente fez-se ouvir num tom duro:

— Parece que amanhã dão chuva torrencial. Tem cuidado na estrada.